

# As manifestações culturais no Rio Grande do Sul em tempos de pandemia: uma discussão sobre a cultura gaúcha e a cultura dos descendentes de imigrantes italianos

Vanessa Manfio\*

Vinício Luís Pierozan\*\*

## Introdução

A cultura é um elemento rico em significados, que marca a relação social e o espaço. Ela é a essência, a base de um determinado povo que, a partir de suas crenças, hábitos, costumes e valores, nutre a comunhão em uma sociedade. A cultura expressa também sentimentos de identidade e pertencimento, que se materializam num lugar específico e/ou constituem atributos de um determinado grupo, aspectos particulares que diferenciam os grupos sociais uns dos outros. Dessa forma, a temática da cultura torna-se importante no pensar uma sociedade e sua inter-relação com o entorno espacial.

No Brasil, a cultura é complexa e múltipla, foi forjada a partir do povo nativo (indígenas), do negro africano (escravo) e do branco europeu (colonizador), ou seja, existe uma diversidade cultural, vista por meio de diferentes grupos étnicos e por condições regionais distintas: o nordestino, o gaúcho, o capixaba, o mineiro etc. Nesse caminho, dentro da própria região também coexistem culturas que se sobrepõem, como é o caso da cultura gaúcha e da cultura de descendentes de imigrantes italianos. Essas culturas são particulares, com os elementos reconhecidos e valorizados pelos membros do grupo cultural e também pelos indivíduos de fora deles. Assim, tanto o gaúcho quanto o descendente de italianos têm suas tradições e costumes que são

---

\* Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente da Rede Municipal de Ensino de Nova Palma/RS e pesquisadora do Núcleo de Estudos Agrários da UFRGS.

E-mail: vamanfio@hotmail.com

\*\* Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente da Rede Municipal de Ensino de Canoas/RS.

E-mail: vpierozan@hotmail.com

passados de geração em geração, constituindo um grande legado cultural, que se manifesta por meio da descendência. Ao longo do tempo, alguns costumes/tradições se perdem e/ou se revigoram, mas a essência da cultura é mantida, preservada entre os seus semelhantes, que se identificam a partir dela.

No entanto, em tempos de pandemia, os hábitos culturais, às vezes, precisam ser repensados ou remodelados para o bem-estar dos indivíduos e da sociedade como um todo. Em paralelo às questões culturais e “Sem aviso prévio, a forma de estudar, trabalhar e viver foi alterada e, muitos contratos não foram cumpridos ou tiveram que ser modificados. Além disso, esse novo modo de viver trouxe à tona a importância de levarmos em consideração a realidade de cada um [...]” (MORETTI; GUEDES-NETA; BATISTA, 2020, p. 33) enquanto indivíduo e membro de um grupo social.

Desse modo, surgem alguns questionamentos que nos despertam para o estudo, tais quais: como manter as manifestações culturais no ano de 2020 em meio a uma pandemia de coronavírus<sup>1</sup> que se propagou por todos os continentes da Terra? A cultura pode se moldar para atender as “novas” necessidades humanas que estamos vivenciando? O filó, as rodas de chimarrão, as tradicionais festas religiosas em homenagem aos santos padroeiros em comunidades católicas de colonização italiana, festividades muito vivas entre os moradores do Rio Grande do Sul, estarão perdidas nesse ano? São inquietações que nos fazem refletir o atual momento vivido articulando com a cultura.

Pensando nisso, este artigo busca dialogar sobre o sentido da cultura em tempos de pandemia, especialmente acerca das manifestações culturais que remetem ao gaúcho e ao descendente de imigrantes italianos fixados no estado do Rio Grande do Sul. Para o estudo, utilizamos a pesquisa de natureza qualitativa por meio da análise empírica sobre o cotidiano e a cultura e da revisão de literaturas que abordam o tema em questão, a partir da pesquisa bibliográfica que se baseia na análise de materiais já disponíveis, como livros, artigos, dissertações e tese etc. Entre os materiais utilizados, destacamos: Cucho (2002), Chauí (1995), Gomes e Laroque (2010), Hall (1997), Luvizotto (2010), Nascimento (2016), Ribeiro (1997), entre outros. A reunião das duas abordagens auxilia no entendimento cultural que marca os espaços de vida que, momentaneamente, se encontram atípicos. Destacamos ainda que o artigo se encontra estruturado em três

---

<sup>1</sup> “Os coronavírus são uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo camelos, gado, gatos e morcegos. Raramente, os coronavírus que infectam animais podem infectar pessoas [...]. Porém, em dezembro de 2019, houve a transmissão de um novo coronavírus (SARS-CoV-2), o qual foi identificado em Wuhan na China e causou a Covid-19, sendo em seguida disseminada e transmitida pessoa a pessoa”, em escala mundial (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020, online).

seções: a primeira de revisão sobre a temática da cultura, ensaios e abordagens importantes para se desenvolver o trabalho; a segunda engloba um apanhado geral sobre cultura gaúcha e italiana e; por último, é realizada a discussão sobre as manifestações culturais realizadas pelos indivíduos em um período de medidas restritivas que visam conter o contágio e a propagação da Covid-19.

Este trabalho também possui como expectativa contribuir com a discussão da cultura no atual momento de isolamento social, distanciamento de ocasiões de convivência em sociedade, fazendo uma análise de como estão sendo proferidos os hábitos culturais entre os diferentes grupos sociais e seus membros. Assim, essas inquietações são de um profundo aprendizado, como o que ocorreu durante a epidemia da gripe espanhola<sup>2</sup>, ocorrida no ano de 1918, e que hoje está sendo recapitulado. Certamente, os acontecimentos vivenciados neste momento servirão de luz para orientar outros episódios e, além disso, servirão como um aprendizado para as futuras gerações.

## A cultura na unicidade de pensamento: a cultura histórica

A cultura envolve elementos que possuem significados, valores que são perpetuados entre os membros de um determinado grupo social. Para Cuche (2002), a cultura é um somatório de saberes acumulados e transmitidos pela humanidade ao longo da história, associando ideias, educação e costumes. O autor vai além, descrevendo que a cultura é um todo complexo que inclui crenças, arte, moral, conhecimentos e outras formas de vida presentes em uma sociedade particular.

Nessa mesma linha de raciocínio, Chauí (1995) reconhece a cultura como o sentido de intervenção coletiva de símbolos e comportamentos, modos de fazer, organização social e tradição. “Tem-se, então, uma configuração regional, onde um grupo social confere à sua base espacial uma identidade, que irá diferenciá-la das demais” (BRUM NETO e BEZZI, 2008, p. 136).

A organização da cultura é vista por um sistema ou código de significados que dão sentido às ações tomadas por um determinado grupo (HALL, 1997). Então, uma cultura é percebida pela sincronia, ao longo do tempo, não como algo estático, mas em

---

<sup>2</sup> Foi a mais devastadora das doenças ocorridas no século XX, entre os anos de 1918 e 1919. Matou mais pessoas do que as vítimas fatais da Primeira Guerra Mundial, estimando-se que vieram a óbito entre 20 e 40 milhões de indivíduos. Ficou conhecida por esse nome em virtude do grande número de mortes que causou na Espanha. Acarretava dores de cabeça, febre e falta de ar muito graves e, em poucos dias, o doente morria sufocado e com os pulmões cheios de líquido (ROCHA, 2020).

vias de alterações sensíveis, conforme o tempo passa e novos valores são atribuídos pela sociedade (CUCHE, 2002). A cultura se altera também em função do lugar, da composição social dispersa e/ou organizada no espaço. Por exemplo, a cultura brasileira não é a mesma ao longo de todo o território nacional. Existem diferentes particularidades em cada uma das regiões que formam o país. Assim como ela já foi sendo transformada com o passar do tempo, certamente a cultura brasileira atual também não é a mesma de séculos passados, que remetiam a um determinado período e contexto histórico.

A cultura habita o espaço e transforma a composição espacial. Cria diferentes monumentos, formas, patrimônios e mesmo a produção do trabalho e representação de uma cultura no espaço é moldada pela relação estabelecida entre a sociedade e a natureza. Hoje, vemos as cidades e lugares com características próprias de sua sociedade, da cultura que se materializa no campo do tangível e do intangível, gerando espaços únicos, que se tornam uma “marca” do lugar.

No mundo social, os traços culturais e os hábitos são fontes que alimentam a cultura e, por consequência, dão essência a ela. A cultura está relacionada à identidade, ao sentimento de pertencimento, às relações políticas e sociais firmadas entre os indivíduos. E, nesse sentido, a identidade é um dos atributos fundamentais para se fazer parte do espaço/sociedade (WOODWARD, 2009).

Tendo por base esse viés, a cultura é um dos pontos chave dos estudos sociais e também apresenta discussões que contemplam a organização da vida cotidiana das pessoas (GODOY e SANTOS, 2014), pois todo sujeito participa de uma cultura, em maior ou menor grau de interação. Isso é observado também no atual fenômeno da globalização, uma vez que mesmo com a tentativa de propagação da homogeneidade cultural mundial, continuam expressivos os regionalismos e as manifestações culturais locais. As culturas existem desde os tempos remotos, porém na atualidade surgem outras visões para a cultura, como a cultura digital e a indústria cultural, que procuram propagar culturas em massa e buscam dar ressignificações às culturas tradicionais, ou provocam também a resiliência em determinada cultura para atender aos seus interesses.

A cultura também esculpe o ser humano e a forma como ele se relaciona com o outro, o “diferente”, o ser que não faz parte da sua cultura. Para Laraia (1996, p. 46), “[...] o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam”. Logo, um ser social se constitui pela

sua formação cultural e pela herança de seus antepassados, que serão perpetuadas nas demais gerações posteriores. A cultura tem brilho nos olhos, ela dá sentido à existência, ela é subjetiva, mas é concreta e apresenta limites e particularidades. Ela é uma totalidade de sentidos.

Contudo, a cultura é o movimento e a articulação do domínio presente na imagem, dos sentimentos, da memória e dos valores que constituem bens tangíveis e intangíveis que são postos em prática na forma de pensar, no vestir-se, na alimentação, na convivência social, no festejar e no espacializar, em tempos passados ou no momento presente. Podemos, assim, dizer, que a:

Grosso modo, cultura é um entendimento que *costura* você no mundo e se refere a aspectos materiais e imateriais do ambiente tais quais, conhecimentos, habilidades e crenças que são aprendidas como padrão por determinado grupo. Ou seja, é a maneira com que o grupo social explica e vincula o indivíduo ao mundo (SILVA, 2019, *online*, grifo do autor).

A partir dessas concepções que remetem à cultura e que enraízam indivíduos a um grupo e/ou a um lugar, abordaremos o estudo da cultura gaúcha e dos descendentes de imigrantes italianos.

## As culturas de matriz gaúcha e italiana no estado do Rio Grande do Sul

A história do Brasil, sobretudo do Rio Grande do Sul, é rica de elementos culturais das diversas etnias que compõem a população, como: indígenas, negros, açorianos, alemães, italianos, poloneses e outros (GOMES e LAROQUE, 2010). Neste estudo daremos ênfase à cultura de origem italiana, trazida para o estado pelos imigrantes italianos a partir do processo de colonização, que teve início em 1875 (MANFIO e PIEROZAN, 2019), e na cultura gaúcha personificada na figura do gaúcho, que “[...] é utilizada nos dias de hoje como símbolo de todas as pessoas nascidas no Rio Grande do Sul” (DE FREITAS e SILVEIRA, 2004, p. 267).

A cultura gaúcha apresenta hábitos típicos, perpassando por um tradicionalismo que mantém vivo o regionalismo e a identidade do território sul-riograndense. Segundo Luvizotto (2018, p. 19), “[...] a cultura gaúcha e suas expressões estão alicerçadas em tradições, em conhecimentos obtidos pela convivência em grupos somados a diversos elementos, entre eles, os históricos e sociológicos”. Nesse sentido, “[...] pode-se falar, então, na predominância da representação do gaúcho do pampa, do meio rural,

apegado a seu cavalo, corajoso e destemido” (DE FREITAS e SILVEIRA, 2004, p. 267). Brum Neto e Bezzi (2008) também apontam que essa é a caracterização de um “gaúcho típico” que:

[...] apresenta traços particulares, oriundos dos povos que o formou e se distingue dos demais através da apropriação da gastronomia nativa, com o churrasco e a infusão de erva-mate e água quente que originou o chimarrão. Também adquire relevância o costume de fumar palheiro e a habilidade com o cavalo, herdada do nativo (BRUM NETO e BEZZI, 2008, p. 143).

Esses atributos acabaram por formar o “mito do gaúcho”, essa particularidade “[...] engendrou um tipo, uma personalidade, que passou a identificar idealmente o gaúcho e impor-se como padrão de comportamento” (JACKS, 1998, p. 21). Essa “[...] representação ainda hoje circula em diversos discursos e artefatos, teve sua constituição, sua invenção, forjada graças a inúmeras condições históricas que possibilitaram o seu surgimento, tendo sido apropriada pelo discurso literário, político” (DE FREITAS e SILVEIRA, 2004, p. 267).

Porém, é importante destacar que existe, no Rio Grande do Sul, uma configuração histórico-cultural heterogênea no espaço/território, com os matutos de origem açoriana, os descendentes europeus e os representantes e antigos povos gaúchos, compondo assim uma cultura bastante rica e singular (RIBEIRO, 1997). Mas mesmo diante dessa diversidade de sujeitos culturais, a figura do gaúcho compõe uma representação nítida e majoritária da cultura do Sul do país.

Para Luvizotto (2010), essa imagem atribuída ao gaúcho, morador do Rio Grande do Sul, acaba por ser “[...] um ícone que representa a identificação, não somente de uma cultura, instituída e determinada em manuais e livros de história, mas de vários modos do sentir-se gaúcho” (LUVIZOTTO, 2010, p. 30). Alguns hábitos são vitais para o cotidiano das pessoas no seio da cultura. Vitais no sentido de que fazem parte das diferentes situações do cotidiano das pessoas e são difíceis de serem rompidos, tais como: o chimarrear (tomar um chimarrão com um grupo de amigos e/ou familiares), o churrasco no final de semana (que é um evento para reunir toda a família, rever parentes e amigos), a participação em encontros tradicionalistas realizados em Centros



de Tradições Gaúchas<sup>3</sup> (onde esses hábitos são fortemente difundidos para a sociedade) e as cavalgadas.

No estado, além da cultura gaúcha, temos a cultura trazida do Velho Continente pelos italianos. Essa etnia e seus descendentes estão dispostos em dois recortes espaciais distintos (BRUM NETO e BEZZI, 2008). O maior número de municípios colonizados por imigrantes italianos está localizado “[...] na Serra Gaúcha, na porção nordeste do território gaúcho, com a paisagem marcada por vales e montanhas. O outro recorte espacial [...] situa-se nas proximidades de Santa Maria, no centro do Estado, denominada de Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul” (BRUM NETO e BEZZI, 2008, p. 147), nesse sentido:

A colonização italiana foi extremamente promissora para [...] o Rio Grande do Sul. Contribuiu para a exploração e valorização de imensas regiões até então abandonadas pelos europeus, ao desenvolvimento da agricultura, ao fortalecimento da indústria e do comércio. A vinda dos imigrantes italianos provocou mudanças significativas no perfil da sociedade brasileira, pois contribuíram de forma decisiva para o processo de crescimento e diversificação da economia devido à bagagem cultural que trouxeram (GOMES e LAROQUE, 2010, p. 35).

É oportuno deixar claro que o grande contingente de imigrantes italianos que vieram para o Brasil e, mais especificamente, para o estado, “[...] deve-se, à grave crise econômica italiana e não ao fato da *abolição da escravidão no Brasil*, [...] a maioria dos imigrantes vinham à procura de uma terra ou de um trabalho que a conjuntura italiana não podia lhes oferecer” (MANFROI, 1975, p. 234, grifos nossos). A saída do país de origem se mostrava no momento uma alternativa perfeitamente plausível para muitos italianos diante da pobreza, da miséria e da incapacidade do governo italiano em reverter a situação em que o país se encontrava no momento.

Para Manfio e Pierozan (2019), o governo brasileiro, por sua vez, também tinha os seus anseios, como o desejo de “branquear”<sup>4</sup> parte da população nacional e de ocupar

---

<sup>3</sup> “[...] são um tipo de ‘clube social’ com características específicas, que procura reproduzir a ambiência de uma vivência rural pampeana e favorecer as manifestações culturais chamadas ‘tradicionalistas’: músicas regionalistas, danças, declamações, invernadas, saraus, churrascos, bailes, bailantas, etc. São numerosos em todo o território gaúcho (do Rio Grande do Sul) e espalharam-se pelo Brasil, acompanhando a diáspora gaúcha por outros estados brasileiros das regiões Sul, Centro-Oeste, Nordeste e Norte” (DE FREITAS; SILVEIRA, 2004, p. 266-267).

<sup>4</sup> A teoria do branqueamento tinha como objetivo aumentar a população branca, pois o ritmo da miscigenação estaria levando à superioridade quantitativa do negro frente aos brancos. Com a imigração

terras devolutas na porção mais meridional do país, pois temia invasões por parte dos países vizinhos. Esses interesses e a situação que a Itália passava nesse período fez com que o Brasil Imperial se aproximasse do país europeu. Nesse sentido, “[...] agentes governamentais brasileiros, por meio de mapas e propagandas, divulgavam um futuro próspero, com colheitas abundantes e a possibilidade de ser dono de sua própria terra” (CARGNELUTTI; CARDOSO; COELHO, 2012, n.p). Essa postura (assédio) por parte do governo brasileiro atraiu milhares de imigrantes para o Brasil, sobretudo para a região Sul.

No Rio Grande do Sul, a Serra Gaúcha e a região da Quarta Colônia, próximo de Santa Maria, se constituíram em “[...] uma região especial, onde os colonos vênnetos e de outras regiões do Norte da Itália de forte tradição católica puderam se estabelecer de forma livre e estável e manter as suas tradições religiosas” (BERTONHA, 1998, p. 262). A religiosidade foi o principal “[...] fator que serviu para amenizar o isolamento em meio às matas virgens, superar as dificuldades e fugir de uma desintegração social” (CARGNELUTTI; CARDOSO; COELHO, 2012, n.p), assim sendo:

Em cada núcleo colonial, a igreja ocupava o ponto principal, e a construção de igrejas e capelas mobilizava sempre a participação coletiva, com doação de material e trabalho voluntário. Também os capitéis, as pequenas capelinhas construídas ao longo de estradas, geralmente numa encruzilhada ou em terras particulares, testemunham a religiosidade dos imigrantes e a frequência dos cultos familiares. O fervor religioso era cultivado com rigor nas famílias. Havia orações para todo o momento: para a manhã, para a noite, para a hora das refeições. À noite, mesmo cansados, rezavam o terço de joelhos no chão, encostados nos bancos, ao lado da mesa (GOMES e LAROQUE, 2010, p. 36).

As marcas da religiosidade católica estão presentes até os dias atuais na região da Serra Gaúcha e nas demais regiões de colonização italiana no Rio Grande do Sul. Nesse ponto, a Figura 1 apresenta o Campanário na Capela de São Vicente, que possui uma arquitetura típica da colonização italiana, “[...] construído em 1905, no município de Cotiporã, lugar onde foi realizada a primeira missa na antiga Colônia de Monte Vênneto, que mais tarde deu origem ao município” (MANFIO e PIEROZAN, 2019, p. 152). A Figura 2 é um ponto de oração muito visitado no município, a Gruta em Quartzito, que se localiza ao lado do hospital do município.

---

branca essa questão poderia ser revertida, pois a presença de branco seria uma solução para a questão racial do Brasil (NASCIMENTO, 2016).



Figura 1 – Campanário em Cotiporã



Fonte: Pierozan (2020).

Figura 2 – Gruta de Quartzo, Cotiporã



Fonte: Pierozan (2020).

Nos dias de celebração, aos finais de semana, junto com a missa e, principalmente, nas tradicionais comunidades rurais e/ou capelas, eram também realizadas as reuniões dominicais, com jogos típicos do imigrante italiano, como o jogo de baralho<sup>5</sup> e o jogo de

---

<sup>5</sup> Joga-se canastra, bisca, trisete, quatrilha e escova. “Nos primórdios da imigração, havia quem desenhasse o baralho de bisca em papelão. Os que sabiam, jogavam e os que não sabiam, assistiam, o que era de grande satisfação, pois o jogo comportava lances emocionantes, de vez que era jogado com arte e seriedade e se lutava desde o primeiro até o último ponto” (BURGOS et al., 2005, p. 10).

bochas<sup>6</sup>, que são expoentes da cultura lúdica italiana. Esses jogos eram praticados entre os homens e a roda de conversa ficava restrita às mulheres. Existia certa divisão entre homens e mulheres no que se refere às atividades de lazer e recreação, como pode ser confirmado em Manfio e Pierozan (2019), que afirmam que, após as celebrações dominicais, os homens jogam baralho e/ou bocha e as mulheres passam o tempo conversando (socializando) no salão comunitário.

Para De Boni (1982), citado por Gomes e Laroque (2010, p. 36), “[...] ao redor da capela começou a girar, de modo quase absoluto, a vida social dos imigrantes italianos. A capela não significou apenas o local de culto, tornou-se o centro cultural, político, econômico e religioso. Anexados à capela, localizavam-se o cemitério e o salão de festas”. Nas regiões de colonização italiana, esse modelo de organização dos municípios ainda é bastante presente e cada capela é muitas vezes designada também pelo termo “comunidade” e tem um(a) santo(a) padroeiro(a). É o nome do santo padroeiro que dá o nome à capela e anualmente é realizada uma festa pelos moradores da comunidade em sua homenagem:

Considerado um povo alegre e festivo, o ítalo-gaúcho também tem nas festividades um código importante no que se refere à expressividade cultural. De modo geral, o descendente de italiano ‘comemora de tudo um pouco’, sejam festas ligadas à imigração, ao município, aos santos ou mesmo a outros códigos culturais que o identificam, como a gastronomia [...] (BRUM NETO e BEZZI, 2008, p. 148).

A uva e o vinho são outra expressão que remete à colonização italiana no estado, na Serra Gaúcha. Devido à força de vontade e à insistência dos italianos e seus descendentes a esse ofício, a região se tornou o principal polo vitivinícola nacional (PIEROZAN, 2018). O turismo na Serra Gaúcha é um setor econômico muito importante. A região recebe milhares de turistas do país inteiro e de fora do Brasil todos os anos. O vinho e os demais atributos da cultura italiana como, por exemplo, a gastronomia e o turismo religioso são muito comercializados como produtos turísticos (MANFIO; PIEROZAN, 2019).

---

<sup>6</sup> Jogo muito apreciado. Alguns indivíduos, “não satisfeitos com os jogos dominicais, construíam canchas junto à própria residência, para aproveitar as horas de lazer durante a semana” (BURGOS et al., 2005, p. 10).

## A cultura do gaúcho e do descendente de italiano no momento de distanciamento social contemporâneo

No atual momento, onde se vive uma situação atípica de isolamento social controlado, muitos hábitos e tradições não podem ser mais realizados em espaços coletivos e/ou possíveis de aglomerações. O coronavírus nos trouxe inúmeros e significativos rompimentos. Um dos mais sentidos é a nossa rotina, o nosso cotidiano mentalmente organizado, que sofreu significativas e necessárias modificações para preservar a vida, o bem maior que qualquer pessoa pode ter (MORETTI; GUEDES-NETA; BATISTA, 2020). Porém, essa situação não anula e também não acaba com a cultura. O que se tem visto nas redes sociais e no dia a dia das pessoas é uma mudança com relação a essas manifestações, seguindo um novo curso. Dessa forma, a cultura é reinventada a partir da mediação da tecnologia. A cultura, que outrora aproximava as pessoas, promovia a convivência coletiva, agora une as pessoas, encurta a distância estabelecida pelo isolamento, mediante a utilização da tecnologia e da internet.

As tradicionais rodas de chimarrão, com o compartilhamento da cuia da bebida, que é um símbolo cultural para os moradores do Rio Grande do Sul e está constantemente presente no trabalho, em casa, na vizinhança está sendo substituída pela apreciação do chimarrão de forma individual (Figura 3), ou mesmo por rodas de mate virtuais, marcadas via redes sociais como, por exemplo, por meio do Facebook. Essas rodas virtuais demonstram a socialização promovida pelo hábito de apreciar o mate, onde cada indivíduo permanece em isolamento social na sua própria casa e se encontra virtualmente com o grupo para saborear as tradições da cultura gaúcha por meio de chamadas por videoconferência.

A própria comemoração do dia do chimarrão<sup>7</sup>, instituído como sendo o dia 24 de abril, foi um tanto diferente das edições anteriores no ano de 2020. O evento promovido pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho foi chamado por meio da *hashtag* #vempromate e foi realizado de forma *online*.

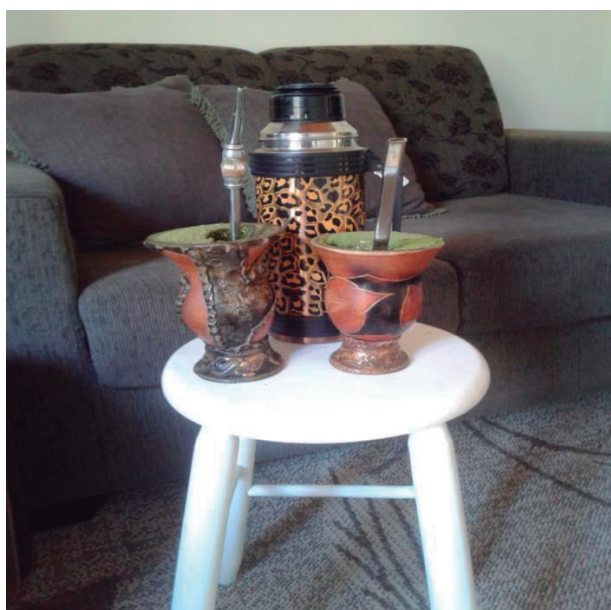
Os encontros entre vizinhos também sofreram alterações agora. Quando são realizados, ocorrem ao ar livre, sem o compartilhamento da bomba e da cuia e procurando sempre manter um distanciamento considerável entre as pessoas, uma nova maneira de se partilhar a vida e a convivência social em virtude da grande

---

<sup>7</sup> Oficializado por meio da Lei Estadual nº 11.929, de 20 de junho de 2003. A referida lei institui o chimarrão como “bebida símbolo” do Rio Grande do Sul e o churrasco como “prato típico” do estado (RIO GRANDE DO SUL, 2003, online).

proliferação de casos de pessoas contaminadas pela Covid-19. Os tradicionais churrascos de final de semana, que costumavam reunir familiares (parentes) e/ou amigos, agora são individuais ou compartilhados apenas virtualmente nas redes sociais, mas cada morador assa a carne em sua própria residência. Dessa forma, uma nova realidade se impõe e novos desafios surgem diante da manifestação cultural disseminada pelos integrantes e/ou adeptos da cultura gaúcha.

Figura 3 – Chimarrão em tempos de pandemia



Fonte: Manfio (2020).

Em Porto Alegre, capital do estado, a tradicional Semana Farroupilha, considerada a maior festa popular do Rio Grande do Sul, realizada todos os anos no Acampamento Farroupilha, que era montado no Parque Harmonia, em 2020 ocorreu de 13 a 20 de setembro, no formato virtual, e passou a se chamar Galpão Virtual Universo Gaúcho. Essa nova maneira de festejar e divulgar a cultura tradicionalista gaúcha teve um alcance muito maior que o formato físico em que a festa que era realizada nos anos anteriores até a eclosão da pandemia. A programação virtual contou com dezenas de shows de artistas da música tradicionalista e também com a realização de oficinas que contemplaram a cultura gaúcha expressa principalmente na culinária campeira, dança, pintura e artesanato.

No que tange à cultura italiana, que se encontra fortemente enraizada em/no solo do Rio Grande do Sul, neste momento de pandemia ela também se encontra



passando por um período de significativas mudanças. Uma das manifestações culturais mais expressivas no povo descendente de imigrantes italianos no estado é a religiosidade católica, pois a fé foi um dos sentimentos que acompanhou a imigração, o trabalho e a vida na nova terra. Conforme Manfroi (2001), a religião foi uma força dinâmica e integradora entre os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, oferecendo a eles um enquadramento cultural. Mesmo nos dias atuais, os descendentes de italianos ainda mantêm a valorização religiosa (ZANINI, 2013). No entanto, com a pandemia as igrejas tiveram que ser fechadas e as missas tradicionais do final de semana (domingo) passaram a ser transmitidas pela internet, rádio ou televisão. Os terços rezados nas capelas também tiveram que ser individualizados, já que o distanciamento social é o mecanismo mais eficaz para ser usado contra a propagação da Covid-19.

A partir de março de 2020, essa socialização tradicional promovida pela fé católica, e sempre realizada de maneira presencial, não está mais sendo possível de ser atingida em virtude da crise de enfrentamento/contenção da pandemia. As próprias festas em honra (homenagem) aos santos padroeiros das capelas e igrejas, bem como as romarias e novenas, não estão mais sendo feitas. A peregrinação em homenagem a Nossa Senhora de Caravaggio, que tem como destino final o Santuário de Caravaggio, situado em Farroupilha, em 2020 ficou impossibilitada de acontecer. Os fiéis foram orientados pelos padres para proferirem as suas preces e orações a partir das suas casas, como forma de se evitar o contato e/ou disseminação da doença.

Além disso, em paralelo à religiosidade, a cultura italiana tem também como tradição a união familiar, os almoços de domingo reunindo os familiares/parentes, com a mesa farta, onde são degustadas as delícias da “nona” e a gastronomia típica italiana. Essas reuniões (encontros) estão suspensas. Mas por outro lado, o isolamento familiar fez com que muitos descendentes de italianos começassem a fazer pão caseiro, bolachas, bolos, cucas e outros alimentos em casa, em família. Afinal, por que não cozinhar junto com a vovó, filho, marido ou pais? Representando um novo momento para realizar a união cultural no grupo familiar que, com a fluidez da modernidade e da vida agitada nas cidades, encontrava-se um pouco distante de muitas pessoas e nas casas de muitas famílias.

Diante disso, os hábitos culturais se perpetuam de forma um tanto quanto diferente, mas resguardando o pano de fundo de uma cultura passada de geração em geração. “Parece, em tempos de globalização, que o regionalismo é algo superado, mas não é. A busca pelo fortalecimento de identidades coletivas tem se mostrado uma estratégia bastante utilizada para preservar comunidades” (BODART, 2019, p. 1), como é

o caso do regionalismo gaúcho e da cultura italiana presentes no estado do Rio Grande do Sul.

Mesmo com o avanço da pandemia, as crenças e os sentimentos culturais se mantêm vivos tanto na cultura italiana quanto na gaúcha. O cotidiano e a realidade adentram a cultura que é passada para os demais descendentes. É um tempo que impõe pensar e sentir o pertencimento a um grupo, pois o homem é um ser social e sente-se parte dessa socialização. Concluimos que a cultura está viva e se alimenta de diferentes formas mesmo com o surgimento de um momento de isolamento social e que o contato com o outro é feito virtualmente.

## Considerações finais

As manifestações culturais são fruto da existência de múltiplas culturas, onde sujeitos pertencentes a um determinado grupo desempenham rituais, criam simbologias e valores que unem o coletivo. A cultura que é transferida e/ou construída entre os descendentes é ressignificada de tempos em tempos por meio de processos evolutivos que permeiam os membros do grupo cultural. Pensar as manifestações culturais neste momento de pandemia é nutrir a identidade cultural, porém os hábitos e, por que não dizer, as formas como eram praticados tiveram que ser repensados/revistos como, por exemplo, as rodas de chimarrão, os encontros de religiosidade e as demais festividades que eram realizadas na comunidade, como os filés culturais, para poderem continuar sendo atividades de encontro e união entre as pessoas.

Assim, a cultura não desaparece diante da adversidade, apenas ganha novas roupagens diante de um novo contexto social que se vive hoje, onde o mais sensato a se fazer é evitar as aglomerações e toda e qualquer atividade que possa se tornar um vetor para a transmissão da Covid-19. A cultura não se esvazia, não para nem se acaba. Ela se consome no seio das memórias, das redes virtuais e da gastronomia. Afinal, ser empático consigo e com o outro é também demonstrar apego a uma cultura, no simples hábito individual do chimarrão, que demonstra que o gaúcho arruma uma maneira para perpetuar as suas raízes, ou no ato de professar a sua fé de uma maneira até então pouco vista, a *online*. Atos culturais e comunitários não acabam e muito menos se esvaziam, eles se renovam diante das dificuldades que surgem diante dos novos tempos.



## Referências

BERTONHA, J. F. Entre a bombacha e a camisa negra: notas sobre a ação do fascismo italiano e do integralismo no Rio Grande do Sul. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 24, n. 2, p. 247-268, 1998.

BODART, C. das N. **O que é regionalismo**. Blog Café com Sociologia, Maceió/AL, p. 1-6, ago. 2009. Disponível em: <<https://cafecomsociologia.com/conceito-de-regionalismo/>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

BRUM NETO, H.; BEZZI, M. L. Regiões culturais: constituição de identidades culturais no Rio Grande do Sul e a sua manifestação na paisagem gaúcha. **Sociedade & Natureza**, v. 20, n. 2, p. 135-155, 2008.

BURGOS, M. S. et al. Jogos tradicionais e legado histórico dos descendentes italianos em Caxias do Sul, Relvado e Santa Maria - RS. In: MAZO, J.; REPPOLD FILHO, A. R. (Orgs.). **Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul**. 1. ed. Porto Alegre: CREF2/RS, 2005. p. 10-11.

CARGNELUTTI, J.; CARDOSO, P.; COELHO, E. R. B. A religiosidade como fator de preservação da cultura italiana no município de Ivorá/RS. In: VII SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCUSUL-SEMINTUR, 7., 2012, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. **Anais...** Caxias do Sul, Rio Grande do Sul: UCS, 2012. 9 p. Disponível em: <[https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/a\\_religiosidade\\_como\\_fator.pdf](https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/a_religiosidade_como_fator.pdf)>. Acesso em: 25 set. 2020.

CHAUÍ, M. Cultura política e política cultura. **Estudos Avançados**, v. 9, n. 23, p. 71-84, 1995.

CUCHE, D. **O conceito de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2002.

DE FREITAS, L. F. R.; SILVEIRA, R. M. H. A figura do gaúcho e a identidade cultural latino-americana. **Educação**, v. 27, n. 2, p. 263-281, 2004.

GODOY, E.V.; SANTOS, V. de M. Um olhar sobre a cultura. **Educação em Revista**, v. 30, n. 3, p. 15-41, 2014.

GOMES, V. F.; LAROQUE, L. F. da S. História e cultura dos italianos e seus descendentes: o costume do Filó em localidades do Vale do Taquari/RS. **Revista Destaques Acadêmicos**, v. 2, n. 2, p. 33-43, 2010.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997.

HOBSBAWN, E. A.; RANGER, T. **A inversão das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

JACKS, N. **Mídia nativa: indústria cultural e cultura regional**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.

LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LUVIZOTTO, C. K. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia**. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.

*Dossiê Cultura em foco: Distanciamentos e aproximações culturais em tempos de pandemia*

As manifestações culturais no Rio Grande do Sul em tempos de pandemia: uma discussão sobre a cultura gaúcha e a cultura dos descendentes de imigrantes italianos

DOI: 10.23899/9786586746112.75

MANFIO, V.; PIEROZAN, V. L. Território, cultura e identidade dos colonizadores italianos no Rio Grande do Sul: uma análise sobre a Serra Gaúcha e a Quarta Colônia. **GEOUSP Espaço e Tempo (online)**, v. 23, n. 1, p. 114-162, 2019.

MANFROI, O. Emigração e identificação cultural a colonização italiana no Rio Grande do Sul. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 1, n. 2, p. 227-274, 1975.

MANFROI, O. **A colonização italiana no RS**. Porto Alegre: Editora EST, 2001.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Sobre a doença. O que é COVID-19**. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

MORETTI, S. de A.; GUEDES-NETA, M. de L.; BATISTA, E. C. Nossas vidas em meio à pandemia da Covid-19: incertezas e medos sociais. **Revista Enfermagem e Saúde Coletiva**, v. 5, n. 1, p. 32-41, 2020.

NASCIMENTO, A. do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

PIEROZAN, V. L. A produção de uva orgânica na Serra Gaúcha: o caso dos agricultores orgânicos de Cotiporã/RS. **Geographia Meridionalis**, v. 4, n. 2, p. 168-184, 2018.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 11.929**, de 20 de junho de 2003. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/11.929.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2020.

ROCHA, J. **Pandemia de gripe de 1918**. Fiocruz, Manguinhos/RJ. Disponível em: <<http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=815&sid=7>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

SILVA, R. S. **Qual o conceito de cultura? Introdução aos estudos culturais**. Blog Café com Sociologia, Maceió/AL, set. 2009. Disponível em: <<https://cafecomsociologia.com/conceito-de-cultura-sociologia/>>. Acesso em: 27 ago. 2020.

ZANINI, M. C. C. Fé escrita: elementos literários da imigração italiana no sul do Brasil. **Tessituras**, v. 1, n. 1, p. 21-44, 2013.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórico-conceitual. In: SILVA, T. T. da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 7-72.